

O EFEITO DE RUMOR NA DISCURSIVIZAÇÃO DO CORPO POLÍTICO-MIDIÁTICO: AS IMAGENS RUMORAIS DO DISCURSO ORDINÁRIO DIGITAL

*The effect of rumor in the discursiveness of the political-mediatic body:
rumor images in ordinary digital discourse*

Juliana da Silveira

Unisul

Resumo: Este texto tem como objetivo, analisar algumas imagens sobre a chamada Marcha da Solidariedade de Paris, que circularam nas mídias sociais e digitais após o ataque ao jornal humorístico francês Charlie Hebdo. Buscamos com isso levantar algumas questões sobre o modo como o corpo político-midiático vem sendo discursivizado por aquilo que estamos entendendo por uma ordem discursiva rumoral (SILVEIRA, 2015). Na continuidade de discussões anteriores sobre as noções de *discurso ordinário digital* e *efeito de rumor* (SILVEIRA, 2015), visamos compreender de que modo o corpo político é discursivizado nas mídias contemporâneas tendo em vista duas formas distintas de discursivização. A partir das análises realizadas foi possível mostrar que temos, de um lado, a produção de um *policorpo* (SANTOS, 2014), a partir dos modos de funcionamento do discurso político-midiático em circulação nas mídias tradicionais e, de outro lado, o efeito de rumor (SILVEIRA, 2015), produzido a partir dos modos como os sentidos sobre esse corpo político-midiático sofrerão algumas inversões e deslocamentos, a partir de sua discursivização em “memes de internet”. Consideramos que a discussão aqui empreendida permitiu a compreensão de um modo de funcionamento singular do discurso ordinário digital, a partir da caracterização de sua dimensão rumoral.

Palavras-chave: Corpo político-midiático; Discurso ordinário digital; Efeito de rumor; Je suis Nico.

Abstract: Images circulated in traditional and digital social media on the Paris Solidarity March after the attack on the French humorous weekly Charlie Hebdo have been employed to analyze issues on the manner the political-mediatic body has been subjected to discursiveness by the so-called rumor discursive order (SILVEIRA, 2015). In the wake of former discussions on the concepts of *ordinary digital discourse* and *rumor effect* (SILVEIRA, 2015), we investigate the manner the political body is subjected to discursiveness in contemporary media by two different types of discursivity. On the one hand, analyses have already shown the production of a poly-body (SANTOS, 2014) derived from the functioning of the political-mediatic discourse circulating through the traditional media, henceforth called the political-mediatic body. On the other hand, there is the rumor effect (SILVEIRA, 2015) produced by the manner the senses on the political-mediatic body undergo inversions and displacements due to their discursiveness in the internet meme. The discussion triggers the understanding of a type of unique functioning of the ordinary digital discourse as from the characterization of its rumor dimension.

Keywords: Political-midiatic body; Ordinary digital discourse; Rumor effect; Je suis Nico.

Introdução

[...] a lei joga com o corpo: "Dá-me o teu corpo e eu te darei sentido, dou-te um nome e te faço uma palavra de meu discurso". As duas problemáticas se apóiam, e talvez a lei não tivesse poder algum se não se apoiasse no obscuro desejo de trocar a carne por um corpo glorioso, de ser escrito, ainda que mortalmente, e mudado em uma palavra reconhecida (CERTEAU, 1998, p. 242).

Analisar os modos de funcionamento do discurso digital tem sido o foco central de nossas investigações nos últimos anos, nos inserimos, portanto, no contexto das inúmeras discussões atuais sobre o discurso digital a partir das quais nos interessa pensar especificamente as possibilidades que o digital oferece à circulação de dizeres não legitimados advindos de instâncias sociais que antes não tinham acesso a mecanismos de midiatização e publicização de sua voz (e de seu corpo). Entre elas, certamente, estão as discursividades que circulam nas mídias sociais digitais.

Ao vasto conjunto de dizeres não legitimados em circulação no digital, que chamamos de *discurso ordinário digital*, opomos sempre o discurso político-midiático das mídias tradicionais, vistas aqui como espaços de legitimação e reprodução de discursos de dominação.

Tendo em vista discussões anteriores sobre as noções de *discurso ordinário digital* e *efeito de rumor*^[1] (SILVEIRA, 2015) na sua relação com o discurso político-midiático tradicional, procuramos neste artigo problematizar algumas questões sobre o modo como o corpo político-midiático vem sendo discursivizado por aquilo que chamamos de ordem discursiva rumoral^[2] (SILVEIRA, 2015).

Partimos da consideração de que a forma como o corpo político é discursivizado nas mídias contemporâneas pode ser pensado a partir de, pelo menos, dois modos distintos e inter-relacionados de discursivização em que temos, de um lado, um *policorpo* (SANTOS, 2014), produzido a partir dos modos de funcionamento do discurso político-midiático em circulação nas mídias tradicionais – que, por isso, chamaremos daqui em diante de corpo político-midiático. E, de outro lado, um *efeito de rumor* (SILVEIRA, 2015), produzido a partir dos modos como os sentidos sobre esse corpo político-midiático sofrerão algumas *inversões e deslocamentos* (PÊCHEUX, [1982] 1990).

Para tanto, tomaremos como objeto de análise algumas imagens que circularam tanto nas mídias tradicionais quanto nas mídias sociais digitais, sobre a chamada Marcha

da Solidariedade de Paris, na ocasião do atentado ao jornal humorístico francês *Charlie Hebdo*.

Partindo, portanto, de um recorte realizado de uma pesquisa maior (SILVEIRA, 2015), organizamos o percurso teórico-analítico deste artigo da seguinte forma:

1) Na seção 1, faremos uma breve descrição das condições de produção envolvendo a Marcha da Solidariedade de Paris, ocasião em que surge o enunciado “*Je suis nico*”;

2) Na seção 2, realizamos uma breve análise dos modos como o corpo político-midiático foi discursivizado na cobertura das mídias tradicionais da Marcha da Solidariedade de Paris, a partir das noções de *policorpo* e *copresença* (SANTOS^[3], 2014);

3) Na seção 3, buscamos descrever as possíveis *inversões* e *deslocamentos* (PÊCHEUX, [1982] 1990) que a cobertura oficial sofrerá a partir da sua circulação nas mídias sociais digitais, a partir das noções de *discurso ordinário digital* e *efeito de rumor* (SILVEIRA, 2015).

Objetivamos, desse modo, tecer reflexões sobre o discurso digital, pensando aí os modos de discursivização do corpo político-midiático nas mídias contemporâneas, a partir de sua dimensão discursiva rumoral.

“Je suis Charlie” e a Marcha da Solidariedade de Paris

Em 7 de janeiro de 2015, o jornal de sátiras francês, *Charlie Hebdo*, foi invadido por dois homens mascarados e armados com fuzis, que executaram 12 pessoas na sede do jornal, em sua maioria jornalistas e colaboradores do semanário.

De acordo com a versão oficial do departamento de polícia da França, amplamente divulgada pela mídia, o ataque teria sido realizado pelos irmãos Kouachi, que foram identificados pela polícia francesa como mulçumanos radicais^[4]. O ataque foi, nesse contexto, considerado um ato motivado por questões políticas e religiosas, levantando um amplo debate social, na França e em outros países, sobre a liberdade de expressão e outras questões relacionadas aos conflitos religiosos e ao terrorismo mundial.

A comoção nacional e internacional provocada por esse atentado provocou uma avalanche de manifestações de solidariedade que se materializou, nas ruas e nas mídias sociais digitais, no enunciado “*Je suis Charlie*” [Eu sou Charlie], considerado como uma forma de demonstração de solidariedade às vítimas do atentado.

Diante de uma tragédia com proporções e efeitos globalizados, materializado discursivamente na circulação desse enunciado coletivo, Paris foi palco, no dia 11 de janeiro de 2015, de uma manifestação que reuniria milhões de pessoas e teria uma grande repercussão mundial, uma vez que “todos os olhos digitais e humanos” estavam voltados para esse trágico acontecimento histórico. Na histórica manifestação, compareceram além de milhões de franceses, cerca de 50 líderes mundiais, que vinham prestar solidariedade oficial à França.

A cobertura midiática desse acontecimento, tendo em vista o atravessamento do *discurso ordinário digital*, produz um cenário de amplo debate que colocou em causa não só o ato de reunir líderes políticos mundialmente polêmicos em uma marcha social que soava aos críticos políticos como “hipócrita^[5]”, como também deu visibilidade à forma como a mídia tradicional corroborava para um cenário em que a marcha, no contexto de produção das mídias contemporâneas, parecia ser uma peça de ficção midiática.

É, portanto, sobre essa cobertura midiática que nos deteremos na próxima seção, buscando já realizar um gesto de análise no processo de descrição.

O corpo político-midiático discursivizado pela mídia tradicional: reflexões a partir das noções de policorpo e copresença

Na cobertura da mídia tradicional sobre a Marcha da Solidariedade, portanto, uma imagem se repetia (com algumas pequenas alterações). Entre as que mais foram reproduzidas podemos destacar a seguinte fotografia:



Figura 1. Imagem da Marcha da Solidariedade com chefes de Estado. Disponível em:

<<https://www.publico.pt/mundo/noticia/a-marcha-cortaecola-de-paris-1682494>>. Acesso em 27 fev. 2015.

Na imagem vemos, portanto, os líderes mundiais reunidos a partir de um enquadramento que produz um efeito de que estão à frente de um aglomerado de pessoas. Esse enquadramento midiático do corpo político-midiático, produz, na *imbricação* com outras *materialidades significantes* (LAGAZZI, 2009), como, por exemplo as materialidades textuais (manchetes jornalísticas ou as linhas de apoio das notícias), um efeito de sentido que permite ler o corpo político-midiático e o corpo dos manifestantes (a multidão de manifestantes presentes na marcha), como um único corpo social.

Vemos nesse procedimento técnico-discursivo, o modo como o corpo político (sobre)vive de sua relação com a mídia e com as suas técnicas de agendamento e enquadramento, uma vez que a própria organização da marcha oficial, organizada em fileiras por ordem hierárquica (líderes mundiais, políticos de outras esferas, personalidades e, por fim, “o povo”) já indicava a construção de um cenário construído para a produção da “imagem oficial” a partir de determinados enquadramentos e não outros.

Ao analisar o corpo político em discurso na mídia impressa brasileira, Santos (2014, p. 20) busca descrever como “o corpo político produz sentidos quando metamorfoseado nos discursos político-midiáticos”. Segundo a autora,

a política midiaticizada ou espetacularizada pelos veículos contemporâneos de comunicação torna visível esse novo corpo político, torna possível a edição do corpo [...] e promove uma forma de ler esse corpo representado, dá vida, pois a um policorpo, cujos moldes se adaptam à tela da televisão, do computador, do tablet ou do smartphone, ou às páginas da mídia impressa. Nesse processo, intrínseco a uma sociedade de controle, é que se constrói ou se questiona, em cada aparição, a essência material e espelhada de rostos transparentes para identidades tranquilas e confiáveis dos sujeitos políticos, que são narrativizados na coerção dos dizeres midiáticos. (SANTOS, 2014, p.53)

Para essa autora, a “corporeidade política” e a sua discursivização pelos signos não verbais, “isolados ou em convívio com os signos verbais produzem um *policorpo*” (SANTOS, 2014, p.53). O *policorpo* seria, então, um corpo que sofre transformações a partir da “regularidade discursiva dos enquadramentos midiáticos em uma prática discursiva vigilante, que midiaticiza e/ou espetaculariza a corporeidade política tanto temática quanto imagetivamente.” (SANTOS, 2014, p.52).

Pensar a existência do policorpo é, então, ver como os olhos do poder - as lentes midiáticas - leem o corpo político como arquivo e

“cartilizam” essa leitura, propagando-a por entre suas páginas, imprimindo-lhe um teor documental pelo registro primeiro, legítimo, material e inegável da corporeidade política em foco. Na essência dessa designação (poli+corpo) existe a ideia da polivalência, da forma plurissignificativa como esse corpo é um corpo político na mídia, portanto uma corporeidade político-midiática, enquanto fruto de agendamentos e enquadramentos diversos. (SANTOS, 2014, p.57)

Esse efeito pode ser percebido na composição das primeiras imagens que circularam dos chefes de Estado na Marcha da Solidariedade de Paris. O que vemos aí é, portanto, a inscrição desse *policorpo*, buscando a produção de uma determinada versão documental e produzindo aquilo que Santos (2014) irá designar de “efeito de copresença”.

O *efeito de copresença*, tal qual apontado por Santos (2014) para pensar a produção discursiva desse *policorpo*,

trata de situações em que a tecnologia garante a convocação da imagem de um (ou mais) indivíduo(s), principalmente pela apresentação de sua imagem fotográfica (portanto pelo uso de sua *corporeidade*), e, articulada aos ditos sobre essa *corporeidade* retratada, garante o estabelecimento desse *efeito de copresença*. (SANTOS, 2014, p.86)

No caso de uma imagem como a apresentada na figura 1, estampada nas capas dos jornais para “noticiar” a presença dos chefes de Estado na marcha, o *efeito de copresença* se dá pela junção do corpo político ao corpo da multidão, embora apenas um deles esteja presente. Entendemos, assim, que vários são os procedimentos discursivos que convocam a presença do corpo da multidão como continuidade do corpo político. Um deles, como já dissemos, é o imbricamento material entre as materialidades textuais e imagéticas (LAGAZZI, 2009), como podemos observar na figura 1, por exemplo, pela relação entre a fotografia e a descrição textual que a acompanha: “Cerca de 50 líderes mundiais estiveram presentes na marcha em Paris”.

A marcha, convocada pelos manifestantes “em nome da paz, da liberdade de expressão e da democracia”, une-se, assim, ao corpo político-midiático, por um *efeito de copresença*.

Por essa concepção, em alguns *enquadramentos*, será possível considerar, por exemplo, a concomitância espacial de um indivíduo em cena comunicativa, junto a outro(s), mesmo em se tratando de espaços geográficos completamente distantes. Para isso, basta analisarmos as condições em que essa presença concomitante dos dois sujeitos é assegurada apenas pela *copresença* simbólica de um deles (com as referências verbais que recuperam o outro junto à *corporeidade* do primeiro) e/ou que é assegurada (e indiscutível) pela aproximação da *corporeidade* isolada de ambos no mesmo contexto (na mesma página da

revista, por exemplo), mesmo quando elas remetem a *acontecimentos* distintos do tempo e no espaço. (SANTOS, 2014, p. 87)

Podemos facilmente recuperar várias imagens que confluem para a produção desse efeito, uma vez que em grande parte das matérias jornalísticas a fotografia dos líderes mundiais era sempre relacionada no corpo da matéria com imagens do corpo da multidão. Um exemplo são as duas imagens apresentadas na figura 2 que, no imbricamento com o texto-título da matéria “*Líderes Mundiais participam de marcha da solidariedade em Paris*”, produziam o *efeito de copresença*.



Figura 2. Imagens publicadas em matéria sobre a marcha no jornal "Tribuna do Norte". Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/lideres-mundiais-participam-de-marcha-da-solidariedade-em-paris/303001>>. Acesso em 15 out. 2016.

Vemos, assim, que as noções de *policorpo* e *copresença*, desenvolvidas por Santos (2014), são bastante produtivas para a compreensão da discursivização sobre o corpo político-midiático na contemporaneidade, indicando que “sabedores do potencial comunicativo da imagem, a imprensa tende a potencializar a forma como a *copresença* pode ser apreendida em uma situação comunicativa, com o objetivo de promover efeitos de verdade” (SANTOS, 2014, p.87).

Considerando que as mídias tradicionais ainda são lugares legitimados e legitimadores dos discursos dominantes, é possível afirmar que os efeitos produzidos pelo discurso político-midiático aperfeiçoa, a cada dia, a sua “arte de falar para as massas” (PÊCHEUX, 1990, p.19).

A política midiaticizada e/ou espetacularizada, em uma sociedade contemporânea, mas igualmente de controle [...] representa-se, séculos mais tarde, como um lugar de exercício do panoptismo, no que se refere ao corpo do sujeito político. Um corpo igualmente submetido à política do olhar, aos olhos do poder, e a uma política de docilização de sua aparência e de seu gesto. Nesse novo paradigma penal/político [...] encontramos, portanto, não apenas o retrato histórico de uma época ou

de uma sociedade, mas a irrupção de um funcionamento distinto de controle, um assujeitamento de outra ordem, o nascimento de uma biopolítica inerente à invenção do cotidiano apto tanto a circular o mundo pelas lentes midiáticas quanto a existir por e pelas suas tecnologias de vigilância (SANTOS, 2014, p.59-60).

No entanto, não podemos desconsiderar que o modo de discursivização do corpo político-midiático pelas mídias tradicionais é hoje atravessado pela ordem do *discurso ordinário digital*, que estamos pensando aqui como uma ordem rumoral, o que nos leva a voltar nossos olhares tanto para os modos de recepção do discurso político-midiático no âmbito do ordinário do digital, quanto para os desdobramentos e reformulações que essa ordem discursiva produz.

O efeito de rumor na discursivização do corpo político-midiático no discurso ordinário digital

Entrando na ordem do discurso ordinário digital

Discursivamente, a emergência do *discurso ordinário* no digital pode ser vista como aquilo que leva a uma descentralização do poder e de uma ocupação dos espaços midiáticos com sentidos incompletos e heterogêneos. “Nem subordinados, nem independentes, mas fazendo parte, sendo constitutivos da rede” (MITTIMANN, 2011, p.121).

No tocante à relação entre os discursos ordinários e o discurso político-midiático, nosso foco de investigação, a possibilidade de circulação dos discursos ordinários em mídias sociais digitais aponta para um jogo de forças no campo da política em que de um lado temos

a forte saturação dos sentidos pré-determinados pela ideologia dominante – favorecida pela atuação da mídia hegemônica ligada a grandes corporações econômicas e políticas. De outro, percebe-se a forte atuação de cidadãos, coletivos e movimentos sociais, por meios alternativos possibilitados pelas TICs, que muitas vezes fogem ao controle estatal e econômico de grupos que tradicionalmente centralizam a informação. Neste segundo caso, tem-se a abertura de espaços para o ‘inconcebível’ em meio ao saturado e, então, novos preenchimentos. É claro que, como muitos desses sujeitos ocupam na sociedade lugares à margem do poder político e econômico, também os espaços que ocupam no ciberespaço são lugares à margem daqueles das grandes corporações. Mesmo assim, com a apropriação da

tecnologia, ampliam tal ocupação do ciberespaço assinalando possibilidades de transformação social. (MITTIMANN, 2011, p. 119)

Nesse contexto, os discursos ordinários passam a disputar os mesmos espaços midiáticos das instituições legitimadoras de discursos de dominação - mas nunca produzindo os mesmos efeitos.

Em outras palavras, a fala comum, que circula no privado, nas ruas, nos bares e nos lares passa a ter um estatuto social e comunicacional diferenciado, pois também ela é parte daquilo que se produz e circula no digital. E, se pensarmos aqui que a lógica do digital se faz pela quantidade de seguidores, de acessos e de visualizações, ainda que não ocupem um lugar de poder político e econômico, como o das grandes corporações políticas e midiáticas, o *discurso ordinário* ganha espaço e projeção social, traduzida em *likes*, curtidas e seguidores, nas redes interpessoais e aglutinadoras que instituem a ordem discursiva do digital^[6].

Importante aqui destacar que o deslocamento que o digital permite aos modos de publicação do *discurso ordinário* não significa defender que somente agora os “consumidores” do discurso político possuem “voz”. Como defendeu intensamente Certeau (1998), o lugar do *discurso ordinário* não pode ser pensado como um lugar de criatividade e de reprodução que funciona nos bastidores dos acontecimentos, ou seja, não tomamos os sujeitos do *discurso ordinário* como sujeitos passivos de nenhum tipo de mídia. Não são, também, equivalentes diretos do que se denomina no campo das Ciências da Comunicação de programadores, usuários, e, muito menos se confundem com os grupos midialivristas midiativistas que vem se desenvolvendo com o aperfeiçoamento técnico das mídias digitais.

Entendemos, assim, que o *discurso ordinário* digital põe em jogo a posição-sujeito ordinário, ligado a instâncias midiáticas não legitimadas, que se desenvolve por uma relação de autoria de um texto coletivo que se constrói pelo conjunto de outros textos, dados, links, palavras-chaves que não se sabe exatamente de onde vêm, nem tem necessariamente a marca de uma autoria (se há, nem sempre ela é fator determinante), mas que pertence ao conjunto de “piados” e rumores que se somam e se entrecruzam no tecido do texto digital: uma ordem rumoral. É, em nosso entendimento, aquilo que faz circular. (SILVEIRA, 2015)

No caso em análise aqui, esse funcionamento do *discurso ordinário* digital diz respeito às muitas e variadas críticas e comentários que circularam nas mídias sociais digitais sobre a publicação nos jornais tradicionais, questionando, como dissemos, tanto

o campo político quanto o midiático. Por meio da utilização de perfis pessoais em diversas mídias sociais digitais (*Twitter, Facebook, Youtube, Tumblr*), vimos proliferarem-se as críticas ao enquadramento midiático do corpo político: um corpo político-midiático.

Críticos políticos, por exemplo, usando esses canais, chamavam a atenção para a reunião de políticos sabidamente rivais e/ou sabidamente contrários à liberdade de imprensa, em uma “falsa solidariedade”, visto que em seus países não há, de fato, nem liberdade de imprensa e nem democracia. O filósofo Slavoj Zizek, por exemplo, publicou em artigo no blog de sua editora no Brasil que

[...] o espetáculo dos grandes nomes políticos do mundo todo de mãos dadas em solidariedade às vítimas das chacinas de Paris, de Cameron a Lavrov, de Netanyahu a Abbas: se alguma vez houve imagem de falsidade hipócrita, foi essa. Quando a procissão passava sob a janela de um cidadão anônimo, ele colocou pra tocar num alto falante a “Ode à alegria” de Beethoven, o hino não-oficial da União Europeia, acrescentando um tom de kitsch político ao repugnante espetáculo encenado pelos maiores responsáveis pela bagunça em que estamos hoje. E o que dizer do Ministro de Relações Exteriores Sergei Lavrov se juntando à fila de dignitários se manifestando diante da morte de jornalistas? Se ele se atrevesse a participar de uma tal marcha em Moscou (onde dezenas de jornalistas foram assassinados) ele seria imediatamente reprimido! E que tal a obscenidade do Netanyahu se espremendo para aparecer na frente da manifestação, enquanto que em Israel a mera menção pública a al-Nakbah (a “catástrofe” de 1948 para os palestinos) é proibida? Cadê a tolerância para com a dor e o sofrimento do outro? (ZIZEK, 2015, *online*).

Críticos da mídia, por sua vez, usavam seus sites pessoais ou sites de jornais independentes para chamar a atenção para a espetacularização do corpo político-midiático, descrevendo a artificialidade da imagem, que, com o auxílio de um enorme aparato técnico e de vigilância, em uso também pelos sujeitos do *discurso ordinário* digital, conferiram outras visibilidades possíveis da cena, uma vez que, paralelamente à circulação da “imagem oficial” nos meios de imprensa tradicionais, circulava nas mídias sociais – e posteriormente também na imprensa tradicional – outra(s) imagem(s) da marcha, entre elas a imagem presente na figura 3, que seria a revelação dos “bastidores” da cena e circulava, portanto, como uma imagem “não oficial”:



Figura 3. Imagem da Marcha da Solidariedade. Disponível em: <<https://www.publico.pt/mundo/noticia/a-marcha-cortaecola-de-paris-1682494>>. Acesso em: 12 fev. 2015.

A crítica ao campo político se soma, assim, à crítica do enquadramento dado ao corpo político-midiático pela mídia tradicional, como buscou resumir Zizek, um dos efeitos que a circulação dessa segunda imagem produziu foi o de que a imagem dos líderes políticos era uma imagem fabricada pelos campos políticos e midiáticos.

[...] o espetáculo foi literalmente encenado: as fotos expostas na mídia davam a impressão de que a linha de líderes políticos estava na frente de uma grande multidão que marchava pela avenida – dando assim a impressão de uma suposta solidariedade e união com o povo... Só que outra foto foi tirada mais de longe pegando a cena toda e mostrou claramente que atrás dos políticos só havia cento e poucas pessoas e muito espaço vazio, patrulado 185 de todos os lados pela polícia. O verdadeiro gesto digno do Charlie Hebdo seria ter publicado na sua capa uma caricatura grande e de brutal mal gosto tirando sarro desse episódio todo! (ZIZEK, 2015, *online*).

O que vemos na figura 2 é, no entanto, a cena político-midiática a partir de outro enquadramento, um enquadramento que produz outro efeito: o efeito de verdade da encenação política e dos procedimentos político-midiáticos que produziram na “imagem oficial” o *efeito de copresença*. A junção entre o corpo político-midiático e o corpo da multidão é, a partir da circulação dessa imagem, desfeita abruptamente. Mudamos o enquadramento e o corpo político-midiático está só!

Em uma operação similar e ao mesmo tempo inversa do que narra Courtine (1999) a propósito da anedota de Milan Kundera sobre o chapéu de Clementis, a imagem “não oficial” que circula nas mídias sociais digitais, não deixa a marca de uma presença, mas anularia o *efeito de copresença* produzido pelo enquadramento midiático.

De um e de outro lado, no entanto, estamos falando de enquadramentos possíveis, sobretudo quando consideramos os relatos posteriores, que circulavam também como resposta da imprensa tradicional às críticas recebidas, que explicavam em tom didático que as imagens como as da figura 1 se restringiam a cobrir a presença dos líderes mundiais em Paris e que, apenas por medidas de segurança, a polícia francesa havia separado os líderes políticos do restante dos manifestantes, uma vez que o cenário de terror e a possibilidade de um novo ataque pudessem ocorrer na ocasião.

Discursivamente, esse processo permite perceber os avanços técnicos e tecnológicos na produção de imagens próprias do discurso político-midiático e, ao mesmo tempo, produz-se um desdobramento de seus efeitos no digital. A diferença é que aqui, tanto a presença quanto a ausência do corpo social se produz de modo quase simultâneo, o que é bastante significativo. Não dura quatro anos, por exemplo, como teria durado o caso de Clementis e Gotwald (COURTINE, 1999), e, também, é parte de um arquivo completamente digitalizado, organizado em palavras-chave e *pixels*, cujos traços e rastros se organizam tanto por sua relação com a *memória discursiva* quanto por sua relação com a *memória metálica*^[7], fato constitutivo do discurso digital que nunca cessa de registrar, alimentar e revirar os arquivos produzidos pela máquina e pelos sujeitos.

O avanço dos aparelhos fotográficos digitais, aliado à mobilidade propiciada pelos *smartphones* conectados à internet, permite a rápida circulação e a publicização quase simultânea da fotografia oficial e da fotografia não oficial, mas também propicia a publicização de muitas outras imagens, algumas retiradas na rua, outras manipuladas por programas de edição. Assim, somam-se às duas imagens aqui recortadas mil outras versões dessas imagens, com outros enquadramentos, outros sentidos, produzindo um arquivo que (re)organiza sem cessar os dizeres e comentários sobre uma e outra em redes que ora são dispersas (Facebook^[8]), ora aglutinadoras (Twitter^[9]). Isso, certamente, produz seus efeitos.

O efeito de rumor produzido pela discursivização do corpo político-midiático em "memes de internet": algumas considerações de como se produzem as imagens rumorais

No processo de produção discursiva sobre a Marcha da Solidariedade aqui abordada, entendemos que, ao circularem nas mídias sociais digitais, as críticas e

comentários (acompanhados de vídeos realizados na marcha) realizam, pelo imbricamento de diferentes *materialidades significantes* (LAGAZZI, 2009), realizar um outro tipo de enquadramento à cena, agora focalizado na imagem-corpo de Nicolas Sarkozy.

Nesse contexto, do corpo-político midiático dos líderes mundiais destaca-se um corpo único que, sobretudo nos enunciados em circulação nas mídias sociais digitais francesas, circula como se fosse a personificação da espetacularização do corpo político-midiático.

É importante aqui destacarmos, que além das fotografias inúmeros vídeos da marcha dos políticos começaram a circular, e, a partir da reconstituição das cenas desses vídeos, foi possível observar a organização oficial da marcha, que no andamento da marcha foi se desconfigurando, fazendo com que Nicolas Sarkozy, que estava colocado pelos organizadores em uma terceira ou segunda fileira de políticos, surgisse em alguns momentos na primeira fila, aproveitando-se da situação caminhada para constar na foto oficial. Nesse caso, a atuação individual de Nicolas Sarkozy, que se esforça para aparecer em lugar de destaque presidencial, vira alvo principal dos dizeres sobre a marcha, produzido a partir de um (re)enquadramento.

Esse (re)enquadramento não é, aqui, realizado a partir da tecnologia das máquinas fotográficas digitais aliada ao enquadramento que se faz na produção da fotografia. Trata-se de um (re)enquadramento produzido a partir de instrumentos técnicos de manipulação dessa fotografia pré-existente.



Figura 4. Imagem disponível no Tumblr "*Je suis Nico*". Disponível em: <<https://www.tumblr.com/search/je%20suis%20nico>>. Acesso em 12 fev. 2015.

O (re)enquadramento dado à cena pode, em nosso entendimento, ser lido como o resultado de um *efeito de rumor* que, por sua vez, produz a *inversão e deslocamento*

(PÊCHEUX, 1990) dos sentidos sobre o corpo político-midiático. Esse (re)enquadramento só é possível, portanto, como um desdobramento do funcionamento do discurso político-midiático tradicional atravessado pelo *discurso ordinário digital*, como buscamos demonstrar nas seções anteriores.

Esse modo outro de discursivizar o corpo político-midiático visibiliza aquilo que todo mundo sabe (que não é possível a produção de uma fotografia sem edição e sem recortes), para apagar, por outro lado, tudo aquilo que se discute sobre essa cena, pelo enfoque excessivo na “quebra de protocolo” de Nicolas Sarkozy. Assim, o *efeito de copresença* entre corpo político e corpo da multidão é novamente apagado, pela ênfase que tanto a mídia tradicional quanto as mídias sociais passam a conferir ao espetáculo político protagonizado pelo ex-presidente francês. Um corpo político único, vigiado, controlado, submetido ao poder de um aparato tecnológico funcionando em redes dispersas.

Começa aí uma disputa pela narrativa (quem tem a imagem real?). Essa disputa nos leva a outro funcionamento do *discurso ordinário* no digital, um funcionamento que se distancia da ordem “informativa”, a partir do qual a ideia de “transmitir uma informação verdadeira” deixa de ser a função principal. A ordem rumoral prescinde da noção de informação, uma vez que vem, justamente, desestabilizar aquilo que em nossa sociedade consideramos por “informação”.

Ao analisar o funcionamento do rumor no Twitter, por exemplo, foi possível compreendermos que essa é uma característica do *discurso ordinário* digital, pois nos permite

dizer que a capacidade de rumor do Twitter está na possibilidade que os sujeitos ordinários têm de colocar em relação, por meio da mediação de versões “não autorizadas” em uma mesma timeline, as versões sistematicamente silenciadas de um e de outro lado do discurso político-midiático (partidos e empresas de “esquerda” e de “direita”, “liberais”, “comunistas”, “progressistas”, empresa de mídia x e empresa de mídia y, etc.), que são confrontadas nesse espaço com a sua revelação (SILVEIRA, 2015, p. 131).

O questionamento das versões fotográficas sobre a marcha da solidariedade, assim como o gesto político espetacularizado de Nicolas Sarkozy, que como já mostramos também revela um corpo político-midiático vigiado pelos mil aparatos tecnológicos atuais, faz da imagem da marcha da solidariedade uma imagem rumoral, não atestada, distorcida, manipulada, provisória e, por tudo isso, polêmica.

Compreendemos, assim, que a circulação dessa imagem rumoral se produz como um desdobramento daquilo que circula: um *efeito de rumor*.

Ao buscar caracterizar o rumor na internet, Froissart (2007) sugere que a polissemia que ronda o conceito de rumor, o que dificulta a sua caracterização no meio científico, poderia, talvez, ser resolvida se desvinculássemos a noção de rumor de qualquer relação com “informação”, considerando que o que temos nesse espaço pode ser considerado não como rumor, no sentido comum e polissêmico do termo, mas como um *efeito de rumor*.

Il se peut également qu'on puisse lutter contre la vacuité du concept en tentant soit d'en changer le sens, soit d'en privilégier un dans le bouquet polysémique offert par le concept. *Pourrait-on imaginer par exemple que la rumeur ou le buzz soit donc un phénomène sans lien direct et exclusif avec l'information, mais quelque chose de plus créatif, de plus participatif aussi, et assurément de plus expressif?* [...]. À cet effet, il faudra sûrement parler davantage d'"effet de rumeur" que de rumeur *per se*, au Même titre qu'on parle d'"effet de réel". Ce sera là également le moyen de rejoindre d'autres concepts en émergence, comme ceus d'"emballement médiatique", ou en anglais d'"internet craze" ou de "morale panic", pour montrer que la rumeur et le buzz trouveraient là la pertinence qui leur manque sur le plan informationnel. (FROISSART, 2007, p.81).

Ainda que a visada do autor esteja centrada no domínio da criatividade, sua observação a propósito do *efeito de rumor* permite-nos compreender um funcionamento característico do *discurso ordinário* digital que não mantém, portanto, relação com o plano informacional. O *efeito de rumor* na internet se dá em outro plano, o plano do compartilhamento, menos ligado ao desejo de informar e mais próximo do desejo de partilha na construção coletiva do acontecimento, visto que o *efeito de rumor*

ne se résume pas à une rumeur, au sens informationnel du terme (qui se limiterait au message qu'on a vu circuler d'une boîte aux lettres électronique à une autre, enjoint de visiter le site turc), mais elle est aussi un phénomène d'appropriation à une cérémonie sans enjeu. Comme ce genre d'engouement collectif ne peut pas se décrire par des notions trop behavioristes comme "emballement" ou "délire collectif", il faut plaider pour un "effet de rumeur" qui recouvrirait ce phénomène." (p.84).

No caso em análise, a noção de *efeito de rumor* deslocada por uma visada discursiva (SILVEIRA, 2015) pode nos ajudar a pensar discursivamente os “memes de internet”, produzidos a partir da participação de Nicolas Sarkozy na marcha da solidariedade.

O caso de Nicolas Sarkozy produz *efeito de rumor* a partir da ampla circulação em torno da hashtag #jesuisnico^[10]. A busca por esse enunciado no sistema de buscas do Google aponta para uma enorme quantidade de memes de todos os tipos e formatos produzidos a partir do que os próprios internautas chamaram de “incrustação” do corpo político-midiático de Nicolas Sarkozy em diferentes tipos de fotomontagens com imagens armazenadas no arquivo digital advindas do campo da arte, da cultura pop, do meio jornalístico etc. Vejamos na figura abaixo apenas as três primeiras linhas de resultado dessa busca:

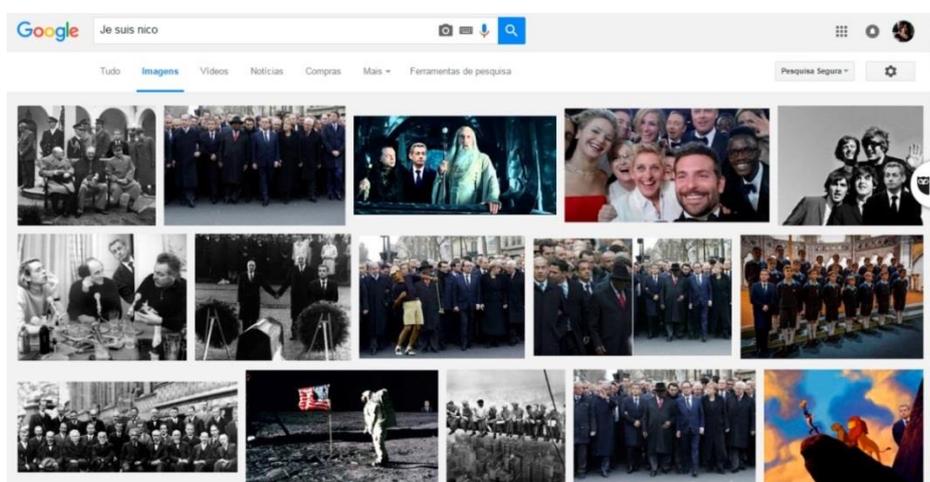


Figura 5. Imagem dos primeiros resultados de busca pelo termo "Je suis Nico" no Google Imagens. Busca realizada pela autora em 16 out 2016.

Vemos assim, que o arquivo digital se constrói a partir da prática de produção de memes de internet, que consiste na propagação/armazenamento de imagens ou enunciados que são (re)constituídos e (re)significados dentro do mesmo ou de outros contextos.

Se focalizarmos apenas algumas imagens que resultaram de nossa busca, podemos perceber a “incrustação” do corpo político-midiático em imagens advindas dos mais variados campos, ou seja, a “incrustação” pode ser feita tanto em imagens históricas, como vemos nas imagens 1 e 2, quanto em imagens de produtos da chamada cultura pop, como por exemplo nas imagens 3 e 4.

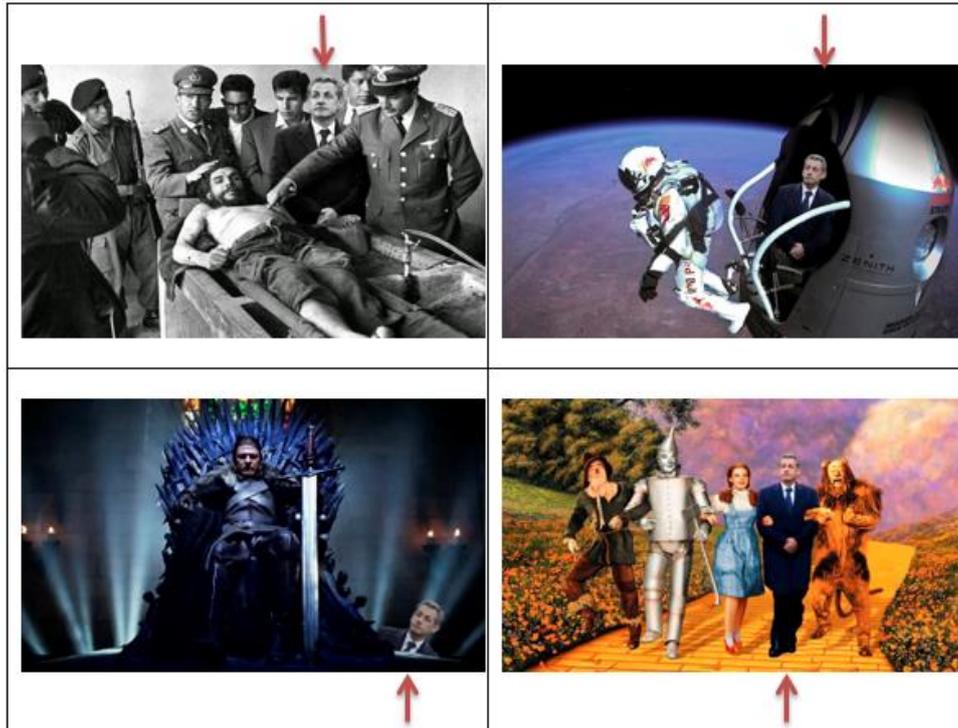


Tabela 1. Imagens recortadas da busca realizada por "Je suis Nico" no Google.

Esses “memes de internet” podem ser pensados, portanto, como imagens rumorais, na medida em que ela jogam com a discursivização espetacular do corpo político e, ao mesmo tempo, pelo imbricamento com o enunciado “Je suis Charlie”, produz efeitos de sentidos que tanto visibilizam a impossibilidade de, nas conjunturas atuais o corpo político-midiático ser lido como unido ao corpo da multidão, como a impossibilidade de fechamento dos sentidos dentro de tais condições de produção do discurso político-midiático. “Eu sou Nico”, pelo *efeito de rumor*, produz a impermanência dos sentidos em torno desse corpo político-midiático indicando que na ordem rumoral esse corpo político pode se relacionar com outras discursividades.

Se a foto dos líderes mundiais à frente da Marcha podia ser lida como a imagem oficial do ato em torno do “Eu sou Charlie” (somos todos um único corpo, unidos pela tragédia) as imagens rumorais inverte os sentidos mostrando a impossibilidade de o corpo político-midiático se inscrever no âmbito do *discurso ordinário* como identificado ao corpo da multidão. Se isso é possível, se já não sabemos mais distinguir entre a realidade da rua e a realidade dos produtos midiáticos e digitais, então qualquer coisa é possível. É, em nosso entendimento, as condições de possibilidade de produção de imagens rumorais.

Por serem considerados comumente como “memes de internet”, essas imagens rumorais se relacionam fortemente como uma forma que os sujeitos do *discurso ordinário*

possuem de responder aos discursos produzidos pelas instâncias midiáticas tradicionais.

Fontana (2016), ao pensar o “meme de internet” tendo em vista sua potência argumentativa dirá que elas possuem relação entre o discurso lúdico e o discurso polêmico, nesse sentido suas principais características, segundo a autora, seriam: 1) a condensação em texto curtos e elementos visuais simples; 2) a repetição e réplica(bilidade), que, em séries, produzem um transbordamento dos sentidos; 3) o humor, identificado como o principal objetivo do meme; 4) e, por fim, o imbricamento de diferentes materialidades significantes, como imagem estática ou em movimento a escrita e o som (FONTANA, 2016, *online*).

Tendo em vista tais características atribuídas aos “memes de internet”, podemos continuar refletindo sobre sua caracterização como imagem rumoral, visando, assim, pensar a sua dimensão discursiva.

É a partir do domínio da técnica de manipulação de imagens, aliado à prática de produção de imagens rumorais, que o *discurso ordinário* faz circular, pelo *efeito de rumor*, sentidos que podem ser vistos tanto como discursos “respondentes” (CERTEAU, 1998) quanto como “argumentativos” (FONTANA, 2016), dos discursos oficiais que circulam nas mídias com pretensões informacionais, nas quais os sentidos se produziram de cima para baixo.

A força desse modo de argumentar na rede pelos MEMES está no acúmulo, no efeito de série (#hashtags), na repetição, um funcionamento pelo excesso. É o inverso a um modo de argumentar por autoridade, que se sustenta na legitimação prévia do locutor. O dizer do meme se fortalece na sua capacidade de repetição. (FONTANA, 2016, *online*).

Arriscamos assim, afirmar que essa ordem rumoral^[11], produz o *efeito de rumor*, mudando o estatuto daquilo que entendemos por texto. Uma ordem discursiva que talvez seja apenas um aprofundamento daquilo que Michel De Certeau já anunciava como efeitos que ele identificava em suas análises das práticas cotidianas e que agora se materializam no espaço do digital. Uma prática que

se escreve numa língua sem terra e sem corpo, com todo o repertório de um exílio fatal ou de um êxodo impossível. A máquina solitária faz funcionar o Eros do morto, mas esse ritual de luto (não há outro) é uma comédia no túmulo do(a) ausente. Não existe morte no campo das operações gráficas e linguísticas. [...] O texto representa a sua própria morte e zomba dela. A essa escritura, cadáver de suma beleza, não se liga mais nenhum respeito. Ela é apenas o ilusório sacramento do real,

espaço de risadas contra os postulados de ontem. Aí se desdobra o trabalho irônico e metucioso do luto. [...] Agora o importante não é mais o dito (um conteúdo) nem o dizer (um ato), mas a transformação, e a invenção de dispositivos, ainda insuspeitos, que permitem multiplicar as transformações. (CERTEAU, 1998, p.245).

Em última instância, e para não fechar questões, mas abrir outras, podemos ainda considerar que o *efeito de rumor* diz respeito não só ao modo como os sujeitos do *discurso ordinário* discursivizam o corpo político, mas como ele mesmo se inscreve em uma prática de submissão de seu próprio corpo a uma outra ordem discursiva. Um corpo que sofre a injunção da máquina e da maquinaria de tagarelar. Como bem descreverem Gallo e Romão (2011, p. 18),

é possível até mesmo inferir que tagarelar é um imperativo para que o silêncio e a pausa não possam atravessar a corredeira da palavra sujeito. A ordem ao corpo sinaliza que ele não descanse e diga algo logo em seguida e de novo, qualquer coisa, mas que diga como um sinal de (oni)presença, muito mais porque isso é necessário do que porque ele deseje dizer. Tal necessidade é emoldurada pelas condições de produção do capitalismo tardio, no qual as grandes corporações de mídia, de telecomunicações e informática lucram cifras com muitos zeros com a rede eletrônica e alimentam-se justamente dessa tagarelice.

Considerações finais

As análises aqui realizadas nos permitem considerar que o discurso ordinário digital se caracteriza como uma possibilidade de liberação da voz e do corpo social, sempre limitado a circular nos “becos, ruas e bares”.

A velocidade, a rápida circulação das imagens, o debate político e midiático em torno de tantas fotografias com enquadramentos diversos constrói um cenário no qual as imagens fotográficas deixam de produzir qualquer efeito de verdade. Tudo pode ser visto de outro “ângulo”. O ato simbólico de união dos políticos em marcha junto com o povo, ainda que separados em um determinado espaço físico, deixa de significar a partir de um único enquadramento, na medida em que é atravessado pelo *discurso ordinário* digital e entra na ordem discursiva rumoral.

Paradoxalmente, a ordem discursiva rumoral, pela injunção que convoca à tagarelice, produz outras formas de submissão do corpo político e social. Resta, portanto, continuarmos descrevendo tanto o modo como o corpo político-midiático é discursivizado e quais as consequências do *efeito de rumor* para o campo político-midiático.

Mudar a nossa relação com os produtos tecnológicos e, sobretudo, pensar o *discurso ordinário* digital fora de uma noção informacional é, em nosso ponto de vista, a questão crucial para o desenvolvimento da noção de *efeito de rumor* que, como vimos, não produz um sujeito jornalista e nem necessariamente um sujeito autor, mas desloca sim os sentidos produzidos pela instância midiática tradicional.

Retomamos aqui, por ser uma consideração que coaduna fortemente com nossas considerações nesse final de percurso analítico, uma das hipóteses a propósito desse funcionamento apresentadas por Gallo (2011, p. 423), a de que

estamos diante de um cenário curioso. O sujeito que se inscreve no discurso mais próximo da internet é um sujeito permanentemente demandado permanentemente, que não existe na ausência (pendente). Esse sujeito pode ter instantaneamente o EFEITO-autor, cujo “alto” preço foi pago pelo sujeito da Escrita, mas em compensação, não pode “esquecer”, não pode “não estar”, sob pena de não existir. Que consequências isso traz para nossa relação com o simbólico? (GALLO, 2011, p. 423).

Sendo assim, finalizamos aqui as considerações, talvez muito dispersas e inconclusas sobre a relação entre discurso e corpo no digital, com uma imagem que eu mesma capturei “no bar”, e que, em certa medida, parece materializar a submissão de nossos corpos físicos a uma ordem discursiva rumoral.



Figura 6. Fotografia de minha autoria, captada em um bar de Paris em outubro de 2014.

Se antes o bar era o espaço ideal para a circulação dos dizeres ordinários, cotidianos, hoje ele também abriga corpos prostrados em frente às telas de smartphones prontos a “capturar” e a “vigiar” outros corpos e outros discursos.

Nota de rodapé

[1] Inspirada nos estudos atuais sobre os rumores, que vem sendo desenvolvido por Pascal Froissart (2007) no âmbito dos estudos da Comunicação, tenho me dedicado a pensar o *discurso ordinário* digital a partir de uma concepção discursiva da noção de rumor e de *efeito de rumor* na sua relação com o *discurso ordinário* no digital.

[2] Essa ordem discursiva rumoral se relaciona estreitamente com a cultura digital que, e, também, produz suas injunções sobre o corpo. Corpo submetido às práticas digitais como digitar, skypear, tuitar, indexar, replicar, curtir e, sobretudo, fazer circular em larga escala, e o tempo todo, os dizeres que antes estavam restritos aos modos de funcionamento do corpo enclausurado nos domínios privados e aos quais se permitia apenas fazer circular, de boca em boca, um *diz que me diz*.

[3] Agradeço aqui a confiança e gentileza da autora em nos ceder cópia digitalizada da versão final de sua tese, defendida em 2014, mas ainda em processo de publicação pelo Departamento de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá.

[4] Tendo em vista a complexa relação entre Estado, política e religião, envolvendo o caso em questão, gostaríamos de marcar aqui que essa se trata da versão oficial do governo francês sobre o caso, não desconsideramos, portanto, que muitas outras versões circularam na ocasião.

[5] Inúmeras matérias e publicações de jornalistas, cientistas e filósofos, criticaram publicamente a reunião dos líderes mundiais no ato, sobretudo porque alguns desses políticos comandavam países reconhecidos pela falta de liberdade de expressão e de perseguição a jornalistas.

[6] Nesse sentido, Pequeno (2016) vem desenvolvendo considerações importantes para pensar as condições de “produção/produzibilidade dos produtos digitais”, segundo o autor “aquilo que é formulado digitalmente ganha legitimidade na medida em que circula [...] esse sistema de circulação está intimamente atrelado com aquilo (do produto digital) que se *consome*”. (PEQUENO, 2016, P. 39).

[7] Estamos empregando o termo memória metálica no sentido proposto por Orlandi (2008), mas tendo também as considerações sobre a relação entre memória discursiva e memória metálica proposta por Gallo e Neckel (2012).

[8] Entendemos que o Facebook se constitui por redes dispersas uma vez que ele opera com perfis interpessoais, restrita a uma rede de amigos.

[9] Diferente do Facebook, o Twitter apresenta outra forma de organização dos perfis, além de ser acessível via palavras-chave sem que seja necessário se inserir em uma rede de sujeitos-usuários.

[10] Em nossa tese de doutorado realizamos uma análise inicial dessa hashtag, no entanto o foco em questão era o funcionamento discursivo da hashtag no Twitter.

[11] Em minha tese de doutorado (SILVEIRA, 2015), apresento a noção de *efeito de rumor* a partir de uma perspectiva discursiva, destacando que ela pode ser pensada também a partir da noção de Escritorialidade, proposta por Gallo (2008, 2011). Durante a discussão oral em minha banca de defesa de tese, Gallo sugeriu pensarmos a noção de *efeito de rumor* não como o efeito autor ligado ao discurso de escrita, nem a ausência da autoria presente no Discurso da Oralidade, mas como o efeito que se produz pelo funcionamento da Escritorialidade. Embora essa relação ainda esteja sendo investigada ela se mostra bastante produtiva nas discussões atuais (Gallo, 2016), e é hoje um dos focos de minha pesquisa no pós-doutorado, sob supervisão da pesquisadora Solange Gallo.

Referências

CERTEAU, Michel de. *Artes de Fazer: A invenção do cotidiano*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 351 p. Tradução de: Ephraim Ferreira Alves.

COURTINE, J-J. *O chapéu de Clementis: observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político*. Tradução de Rodrigues, M.R. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, C.L. (Org.). *Os múltiplos territórios da Análise de Discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999. p. 15-22.

FONTANA, Monica G. Zoppi. *Argu(meme)ntando Argumentação, discurso digital e modos de dizer*. [Apresentação em Power point]. In: III Seminário Internacional de Estudos sobre Discurso e Argumentação (III SEDiAr). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2016. Disponível em: Acesso em: 16 out. 2016.

FROISSART, Pascal. *Buzz, bouffées d'audience et rumeur sur Internet*. Médiamorphoses - I-revues: 2.0 ? Culture numérique, cultures expressives, França, n. 21, p.81-87, mar. 2007. Trimestral. Disponível em: . Acesso em: 01 abr. 2015.

GALLO, S. L. *Autoria: função do sujeito e efeito de discurso*. In: TASSO, Ismara (Org.). *Estudos do Texto e do Discurso: interfaces entre Língua(gens), Identidade e Memória*. São Carlos: Claraluz, 2008. p. 205-214

GALLO, S. L. e ROMÃO, L. M. S. *Corpo e(m) discurso na rede*. In: ROMÃO, L. M. S. e GALLI, F. C. S. *Rede eletrônica: sentidos e(m) movimentos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011, p. 13-22.

GALLO, Solange L. *Da escrita à escritoralidade: um percurso em direção ao autor online*. In: RODRIGUES, Eduardo Alves; SANTOS, Gabriel Leopoldino dos; CASTELLO BRANCO, Luiza Katia Andrade. (Org.). *Análise de Discurso no Brasil: pensando o impensado sempre. Uma homenagem a Eni Orlandi*. Campinas, SP: Editora RG, 2011.

GALLO, Solange. *Processo de legitimação no discurso de escritoralidade*. In: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans. (Org.). *A Análise do discurso e sua história: Avanços e perspectivas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016, p.311-323.

LAGAZZI, S. *O recorte significativa na memória*. Apresentação no III SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso, UFRGS, Porto Alegre, 2007. In: O Discurso na Contemporaneidade. Materialidades e Fronteiras. INDURSKY, F., FERREIRA, M. C. L. & MITTMANN, S. (orgs.). São Carlos, Claraluz, 2009.

MITTMANN, Solange. *Alguns apontamentos sobre militância digital*. In: GRIGOLETO, Evandra; NARDI, Fabiele Stockmans de; SCHONS, Carme Regina (Org.). *Discursos em Rede: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço*. Recife: Ed. Universitária - Ufpe, 2011. p. 119-139.

ORLANDI, Eni P.. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. 3. ed. Campinas, Sp: Pontes Editores, 2008. 218 p.

PÊCHEUX, Michel. *Delimitações, inversões, deslocamentos*. (1982). Caderno de Estudos Linguísticos, Campinas, v. 19, n. 19, p.7-24, jul./dez. 1990. Semestral. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/3011/4094>>. Acesso em: 05 mar. 2012.

PEQUENO, Vitor. A demanda pelo avatar e a forma-discurso do digital: construções iniciais e notas para um futuro trabalho. In: FLORES, G.B; NECKEL, N.R.M; GALLO, S. L (Orgs.). *Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia*. vol.2. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

SANTOS, Elaine de Moraes. *O efeito de copresença Lula-Dilma no discurso político-midiático: uma leitura das eleições presidenciais de 2010*. [No prelo]. 2014. 220 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Letras, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

SILVEIRA, Juliana da. *Rumor(es) e Humor(es) na circulação de hashtags do discurso político ordinário no Twitter*. 2015. 200 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Letras, Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

ZIZEK, Slavoj. *“Eu sou estúpido e maldoso”*: Žižek esclarece sua posição sobre o “Je suis Charlie”. 2015. Disponível em: <<http://blogdaboitempo.com.br/2015/02/16/eu-sou-estupido-e-maldoso-zizek-esclarece-sua-posicao-sobre-o-je-suis-charlie/>>. Acesso em: 16 fev. 2015.

Recebido em 01/08/2016

Aceito em 07/12/2016.